

humanitas

Vol. LII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LII • MM



ASPECTOS DA FORMAÇÃO DA NOÇÃO DE EUROPA NA ANTIGUIDADE

I

O DESAFIO DAS DIFERENÇAS ÉTNICAS EM HERÓDOTO UMA QUESTÃO DE INTELIGÊNCIA E DE SABER¹

MARIA DE FÁTIMA SILVA
Universidade de Coimbra

Abstract: – *The ethnical differences challenge in Herodotus. A question of intelligence and knowledge(1)*

To save from forgetfulness what out of the human life is worthy of merit and of the experience of each people, not only the remarkable exploits that stand out, but also a whole of everyday life practices which are the individualization features of each community, constitutes Herodotus' purpose, defined in the proem to his *Stories*. The harmonious intercourse among peoples or the success that, through unavoidable crisis, changes the political chess of the known world depends first of all on the intelligence put into the strategy to be applied, that must proceed from a deep knowledge and from respect towards any adversary to be faced. Haughtiness, that the exercise of power arises, with the tendentious contempt towards the unknown, has left by the experience of powerful men to be a sign of attention to the unhappy, sensible man. It was the traditional *σωπρροσύνη* that the Halicarnass Historian advertised as a lemma in the intercourse, which became tighter and tighter, between Greeks and Barbarians.

A frase com que Heródoto introduz a apresentação das suas *Histórias* — *esta é a exposição das investigações de Heródoto de Túrios, cujo objetivo é que nem as realizações do homem, com o tempo, se apaguem, nem os feitos grandes e notáveis, cometidos quer por Gregos quer por bárbaros, fiquem sem reconhecimento* — prima pela dicotomia. Gregos e bárbaros

¹ Esta reflexão será dividida em dois blocos, um que abarca a experiência do imperialismo persa em terras do oriente e África, o segundo consagrado ao avanço em território europeu.

aparecem como dois mundos, isolados ou mesmo opostos (τὰ μὲν Ἕλλησι, τὰ δὲ βαρβάροισι), bem como diverso é aquilo que de um e de outro destes dois universos é preciso salvaguardar (os actos comuns do comportamento humano, a par dos feitos distintos e gloriosos) dentro de dois planos da existência: o do quotidiano (τὰ γενόμενα) e o do momento particular em que cada um se eleva ao nível do distinto e do heróico. O desencadear de um processo de confrontação entre estas quatro parcelas — grego / bárbaro, quotidiano / crise — ocorreu com a guerra, um conflito cujas causas Heródoto afirma de seguida merecerem a sua particular atenção².

Para além de sugerir directamente uma intenção do autor — a de salvaguardar a perenidade da memória —, esta frase, tantas vezes discutida, deixa uma sugestão sobre os materiais, que são outras tantas perspectivas pelas quais Heródoto irá desenvolver o seu objectivo. Se os ἔργα μεγάλα καὶ θωμαστά parecem incluir os momentos em que um povo — grego ou bárbaro - se elevou, até aos limites humanos, para atingir a glória das grandes conquistas ou dos rasgos de heroicidade, τὰ γενόμενα terá decerto o sentido abrangente de ‘as ocorrências, os factos’, que podem abarcar tudo quanto são ‘as práticas, usos e costumes’ do quotidiano de cada povo. A junção destes dois planos da experiência do homem — a que constitui a normalidade com a que resulta de tempos de evolução ou de crise — não julgo que produza o resultado directo de uma soma de parcelas distintas, realizada por um espírito mais ou menos curioso, que se torna, em função disso, ‘o pai da história’, como da antropologia, da história da cultura ou da filosofia da história. Parece-me que, mais do que uma soma de elementos, o quotidiano se articula com o heróico como as duas faces indissociáveis de uma mesma realidade. Cada povo, de acordo com a sua mentalidade e com as práticas do seu dia-a-dia, assumirá, nos grandes momentos da sua história, a atitude mais consentânea com o próprio carácter. E se, em boa parte, as horas notáveis resultam do choque de civilizações, da guerra que desafia cada comunidade para um jogo onde se arrisca a prosperidade ou a sobrevivência, a atitude ou intervenção estratégica de cada um passa pelos condicionalismos de uma personalidade colectiva que lhe está subjacente. Nesta perspectiva, os

² O interesse de Heródoto pela diferença entre Gregos e bárbaros, ainda que não de todo inédito nas preocupações helénicas, como se pode inferir de vários testemunhos literários já a partir da épica, tem de facto, em consequência do conflito fulcral entre a Grécia e a Pérsia, uma dimensão e um impacto novos. Na literatura clássica, historiográfica e teatral, a questão grego / bárbaro recrudescer com uma força evidente. Sobre a presença pálida da noção de bárbaro na época arcaica, vide I. Weiler, ‘Greek and non-Greek world in the Archaic Period’, *GRBS* 9, 1968, pp. 21-29.

capítulos etnográficos que integram invariavelmente cada *logos*, a preceder ou a suceder a cada campanha bélica, deixam de ser um simples relato de curiosidade que preserve a especificidade de cada etnia, para potenciar a compreensão do comportamento ou reacção do invadido perante o ataque. Logo a guerra, ou esta guerra em particular que é o objecto da narrativa que aqui se inicia, coloca frente a frente dois mundos que irão discutir, de armas na mão, questões fundamentais de independência política e cultural. Antes do conflito central entre Persas e Gregos, Heródoto alonga-se num relato em que o crescimento progressivo de um grande império oriental ganha vulto, por um vasto processo de sucessivas conquistas ou hegemonias. O Persa que caminha contra a Hélade é o herdeiro de uma tradição de ataque e conquista, sob o lema ‘preserva o que herdaste e acrescenta ao teu poder uma nova parcela’³. Norteado por este princípio, o povo persa desempenhou um papel de conquistador e unificador de um império, que, ao longo de décadas, se estendeu pela Ásia, África e finalmente Europa e o tornou o imenso inimigo dos Gregos. Empreendimento que implicou incansáveis e inúmeras campanhas e o defrontar sistemático de inimigos numerosos e diversos. Consumava-se um processo em que o choque sistemático entre povos distintos e, entre si em boa parte desconhecidos, produzia uma consciência clara do sentido das diferenças humanas, como das regras que presidem à convivência universal.

Mais do que no grande projecto unificador, é nas condições da sua execução que irei deter-me. Partindo do embrião de um império que é a Lídia de Creso, Heródoto conduz-nos, através das conquistas de Ciro, Cambises e Dario por um caminho ascendente, que experimenta um momento de derrocada com a ousadia do ataque contra a Grécia perpetrado por Xerxes. Neste processo extenso viveram-se horas de vitória e de derrota, condicionadas pelos mais variados factores. Como motivações para cada empreendimento, é sabido que, mais do que razões de estado, Heródoto tende a valorizar motivos pessoais, e o desejo de vingança com incidência particular. Mas o prosseguimento do projecto, e sobretudo o seu desfecho, parecem estar na mão do saber, da perspicácia ou da inteligência⁴.

³ É com base neste princípio que Atossa intervém junto de Dario estimulando-o a novas conquistas (3. 134. 1).

⁴ S. Said, ‘Guerre, intelligence et courage dans Hérodote’, *Ancient Society* 11/12, 1980-1981, pp. 83-117, valoriza a noção de que, com o incremento da sofística, a guerra começou a ser lida como um produto da *arte* e do *saber* (τέχνη e ἐπιστήμη), para além da consequência de uma estratégia militar. Com esta nova perspectiva, a inteligência vai aparecendo, nos historiadores do séc. V a. C., como um factor determinante no desenrolar do combate.

Conhecer o inimigo, avaliar-lhe o comportamento, saber-lhe os hábitos e as reacções é condição elementar para o resultado a obter. Mais do que o poder, a riqueza ou o número, de homens, de armas, de terras, que fazem a vantagem aparente de uma das partes, a sorte final depende sobretudo da lucidez, da razão, do conhecimento, que podem redimir os mais fracos da própria desvantagem natural. Esta circunstância, que teve o seu teste supremo no confronto determinante entre Gregos e Persas, foi visível desde os primeiros movimentos expansionistas registados por Heródoto nas suas *Histórias*. A ambição e arrogância do mais forte, que o estimulam a encarar com segurança ou menosprezo um inimigo mais débil, trazem em si um potencial de risco; não apenas por uma questão ética, implícita na visão da época de Heródoto, a de que à *hybris* corresponde invariavelmente a punição dos deuses. Acima desta leitura teológica, tipicamente esquiliana, o que parece impor-se em Heródoto é a interpretação racional dos factos. De par com a ambição excessiva anda a ignorância ou a leviandade na avaliação correcta das circunstâncias. Pronto a considerar inferior o adversário, porque remoto, selvagem ou mais fraco, o invasor poderoso desconhece a realidade, deixa-se levar pela precipitação e pelas aparências. Os alertas que lhe chegam de quem sabe mais, julga-os fúteis e por isso os despreza. Por fim, a leviandade é punida e a lição, também esquiliana, de ‘aprender pelo sofrimento’ aplica-se-lhe com toda a propriedade.

A ocorrência, constante e cíclica em Heródoto, da disputa entre o saber e a ignorância é o principal objectivo desta reflexão. A repetição da mesma dicotomia em cada um dos *logoi*, sugerida expressivamente por alguma insistência vocabular, fará, em última análise, de γνώμη ou de σωφροσύνη a verdadeira rainha do mundo. Não conheciam os Persas o valor desta regra implícita na leitura que um grego como Heródoto faz dos acontecimentos. Para eles, pelo contrário, são factores ocasionais como a proximidade ou a distância que nivelam a consideração a ter pelo adversário. Entre os aspectos fundamentais da mentalidade persa, Heródoto regista o critério com que se auto-avaliam, como também aos outros povos (1. 134. 2-3): ‘Têm uma estima muito particular, a seguir a si próprios, pelos que lhes vivem mais próximos; depois, por aqueles que vivem um pouco mais longe e assim por diante, vão medindo a estima por este critério; os que estão mais afastados têm-nos em muito pouca consideração. Estão convencidos de que eles próprios são, sob todos os pontos de vista, os melhores do mundo, e que os outros têm um mérito proporcional segundo o critério que referimos; os que lhes ficam mais afastados são a própria nulidade’.

Antes de penetrarmos definitivamente no universo dos grandes conflitos militares, vamos deter-nos, tal como Heródoto, numa história doméstica que

simboliza, no entanto, a origem de uma maldição a pairar sobre o primeiro dos grandes conquistadores orientais no relato de Heródoto: Creso da Lídia. Por estes capítulos preambulares que, como tem sido reconhecido, desempenham um papel na esquematização estrutural da narrativa — onde os momentos permanentes da origem ou ascensão ao poder de um soberano, auge da autoridade e decadência tendem a ser assinalados por histórias de ficção —, são-nos dados também padrões simbólicos que nos permitem ler, de acordo com critérios de avaliação previamente definidos por Heródoto, o sentido universal dos factos históricos que se sucedem⁵.

Do primeiro ascendente da sua linha dinástica, Giges, Creso herdara a mancha do crime e a ameaça da punição. Ao mesmo tempo, porém, este famoso episódio de Giges e Candaules (1. 8-13), mais do que condicionar o destino do grande senhor da Lídia a quem Heródoto dedica a primeira metade do seu primeiro livro, abre o relato de *Histórias* como um paradigma vital em todo o futuro do oriente: nele se joga um processo de desrespeito pelo *nomos*, um choque de cegueira e perspicácia, a vitória segura para o lado mais fraco se a lucidez o favorece. É esta a chave para a leitura do conflito fundamental entre o par real da Lídia, em dias remotos, Candaules e a sua mulher⁶. Encarado nesta perspectiva, este que é o primeiro *logos* de ficção em Heródoto ganha um significado com uma dimensão universal, de enorme alcance para a visão geral que o autor tem da história. Juntamente com o episódio central da entrevista de Creso e Sólon, ou com a cena conclusiva da pira de Creso, serve para ilustrar, como em frontão imponente, um princípio fundamental: o da excelência do saber e da clarividência como garantia de vitória e de prosperidade, a par do risco que representa o desrespeito pelo poder, quase sagrado ele também, do *nomos*.

A história de Candaules e da mulher é o drama do eterno conflito entre força e fraqueza, aqui representados pelo poder régio e masculino do soberano perante o que parecia ser a dependência e fraqueza da sua mulher. Mas aquele que é, nesta história, o senhor da Lídia revela, sem dúvida, traços de uma personalidade que, aqui exemplificados no plano doméstico, se projec-

⁵ A importância simbólica destas histórias preliminares e a posição também significativa que ocupam na abertura da narrativa têm a sua justificação por serem, nas palavras de K. Waters (*Herodotos on tyrants and despots*, Wiesbaden, 1971, p. 46), 'extremamente indicativas do plano da história e da filosofia do seu autor'.

⁶ Numa altura em que o processo de expansão militar, como todo o esquema de confrontos entre povos, se não iniciou ainda em Heródoto, é no plano doméstico ou palaciano que as regras gerais da existência se patenteiam de forma simbolicamente paradigmática.

tam como uma constante no carácter de um soberano oriental. A ambição, o desejo de posse, manifestam-se, neste caso, pela insistência na ideia de ‘paixão’; ἡράσθη, logo repetido em ἐρασθείς (I. 8. 1), clarifica a leviandade e cegueira que o sentimento irracional produz. Associado à paixão está o desejo de posse, de domínio sobre uma propriedade ou um tesouro, que neste caso é a beldade que Candaules tem por mulher (τῆς ἑαυτοῦ γυναικός, I. 8. 1). Se a razão tem, no processo, alguma intervenção (ἐνόμιζε, νομίζων) é para corroborar a sofreguidão e elucidar sobre a sedução do objecto desejado (ἐνόμιζε οἱ εἶναι γυναῖκα πολλὸν πασέων καλλίστην, I. 8. 1). Dessa mulher, o rei nada mais sabe do que a sedução que o atrai à conquista e a subalternidade que o dispensa de se interrogar sequer sobre a natureza ou personalidade do objecto da sua paixão. Dele pretende fazer uso a seu bel prazer, expô-lo como um trunfo invejável que possui. A convicção do seu poder dispensa-o de procurar conhecer o outro que quer dominar, em definitivo, como sua propriedade. Destas breves linhas dedicadas à caracterização do monarca está significativamente ausente qualquer vocabulário alusivo a ‘conhecimento, saber ou consciência’. É a paixão e o pensamento precipitado que o determinam.

Gíges, no papel de um primeiro conselheiro nas *Histórias*, detém uma lucidez que falta ao monarca e que usa para o advertir. O acto que o seu senhor lhe sugere de espiar a rainha nua é uma infracção ao *nomos* feminino e pode despoletar reacção ou desgraça. Desrespeitar as regras, considera-o Gíges uma atitude não saudável nem sensata (οὐκ ὑγιέα). Consignados em frases proverbiais, como a que se aplica à circunstância — com o vestido que despe, a mulher despe também o pudor —, os princípios, as regras que neste caso a própria comunidade lídia estabeleceu há muito tempo (πάλαι δὲ τὰ καλὰ ἀνθρώποισι ἐξεύρηται) impõem-se aos homens como um elemento de beleza e harmonia; por isso é obrigação de cada agente social aprendê-los e aceitá-los: ἐξ τῶν μάθάνειν δεῖ. As palavras do conselheiro que se vê compelido a cometer uma irregularidade são de súplica e de advertência insistente: ‘Por isso te peço que me não peças uma infracção’ (σεο δέομαι μὴ δέεσθαι ἀνόμων). Logo, a tonalidade da caracterização é a oposta no caso do conselheiro. Junto do monarca irreflectido, ele é a voz do saber, um saber próprio de um homem de corte, mas sobretudo o testemunho de uma sabedoria que a comunidade lídia de há muito descobriu e consignou. Claramente a sua atitude de prudência tem um alcance colectivo, é como o espelho do saber geral que ele reage. Algumas qualidades faltam tragicamente a Gíges para desempenhar o seu papel: perspicácia natural, determinação e coragem. Perante o rei autoritário na sua leviandade, o conselheiro teme (ἀρρωδέων, μὴ φοβέο) e fica por isso incapaz de reagir.

Da mulher ofendida e da sua possível reacção nem uma suspeita, por mais leve que seja, o aflora.

O triângulo humano da história completa-se com a personagem da mulher, esse objecto que para o marido não passa de uma propriedade de que se dispõe sem reservas, para Gíges de matéria que entra no foro da legalidade e por isso pode trazer problemas. Nenhum dos dois detém, no entanto, da beldade real um conhecimento pessoal e objectivo. Assim, Heródoto nos reserva, sobre esta enigmática mulher, uma surpresa. Chegada a hora de um foco directo nos revelar a sua personalidade, o vocabulário que se imprõe é o do saber, do pensamento, da decisão consciente, que se repete com uma insistência falante:

Μαθοῦσα δὲ τὸ ποιηθὲν ἐκ τοῦ ἀνδρὸς οὔτε ἀνέβωσε αἰσχυρθείσα οὔτε ἔδοξε μαθεῖν, ἐν νόῳ ἔχουσα τείσεσθαι τὸν Κανδαύλην.

‘Ela percebeu que ali andava a mão do marido, mas nem gritou a sua vergonha nem deu a entender que tinha percebido. Apenas alimentou no íntimo a ideia de se vingar de Candaules’.

Tal como Gíges, ela sabe, o conhecimento e a lucidez são o seu traço principal. Mas o que sabe não resulta da repetição simples de regras convencionais, mas de uma observação atenta do que a rodeia. À ignorância e indiferença com que a olham os seus interlocutores mais directos, Candaules e Gíges, ela opõe um conhecimento seguro das personalidades de ambos. Sabe que um acto leviano como o que lhe causou uma profunda humilhação só pode vir do marido, como lhe não deixa dúvidas o medo de Gíges, que faz dele apenas um cúmplice involuntário do monarca. À inteligência, a mulher de Candaules junta a frieza e a determinação. Ao contrário do marido, todo sentimento e paixão, ela é toda cabeça e razão; ao invés de Gíges, inseguro e temeroso, ela é a imagem da decisão. Oculta reacções espontâneas, finge distração ou ignorância, calculado cada gesto e cada palavra. Também ela, como Gíges, conhece os *nomoi* e a força que têm e deles exige o cumprimento; mas essa é, na sugestão que Heródoto dá ao repetir as regras que já antes o conselheiro enunciara, uma segunda motivação para o castigo; a primeira é a sua satisfação pessoal de se vingar de Candaules, o marido que a não respeita e esta é, mais do que uma infracção ao código social, uma questão de foro íntimo e conjugal. É esta supremacia de espírito que lhe depõe nas mãos a vingança e, com ela, a vitória e o poder. Porque no dia seguinte, quando o plano de desforra se desencadeia, ela é já βασιλεία, a soberana, plena de autoridade ao comando da situação. Gíges cometeu ainda uma última ingenuidade, ocorreu ao chamamento da rainha sem suspeitas, não lhe parecendo que ela se tivesse apercebido da aventura nocturna: ὁ δὲ

οὐδὲν δοκέων αὐτὴν ... ἐπίστασθαι. Essa é a grande desvantagem que o deixou de imediato nas mãos autoritárias da soberana, que agora por sua vez o confronta, como antes o marido, com terríveis exigências. A própria alternativa é reveladora das intenções ou prioridades da ofendida: como primeira hipótese ela coloca a condenação de Candaules ('mata Candaules e fica comigo e com o trono da Lídia'), o que lhe satisfaz o desejo de desforra pessoal; ou então que se puna Giges de morte pela fraqueza subserviente diante do monarca que o leva a ter transgredido a lei; cobardia e *anomia* são os dois erros, o pessoal e o legal, que ela identifica no cúmplice do marido. Esboçada uma leve resistência ou súplica, Giges percebeu que estava diante de uma exigência inabalável (ἀναγκαίην, ἀναγκάζεις) a que não podia resistir. Escolheu então matar o soberano, dobrando simultaneamente ao poder da senhora duas vontades que antes se lhe julgavam superiores: a do marido e a do conselheiro que exercia na corte uma intervenção poderosa nas questões mais delicadas.

Está, a partir de Candaules, traçado um perfil que se repetirá como a marca dos poderosos senhores do oriente: o desejo de possuir, de afirmar a sua autoridade, que assenta na convicção leviana do ascendente que detêm, e que mal lhes deixa tempo para uma interrogação ou um pensamento de avaliação do adversário. Avançam sem receios, surdos a quaisquer avisos, plenos de certezas e de autoridade, para um risco que quase sempre lhes traz a destruição ou a morte.

Quatro gerações mais tarde, reinava já Creso sobre a Lídia desenvolvendo uma política de agressão e domínio sobre os Gregos da Ásia Menor, quando um novo episódio ocorre (1. 27), agora no plano político-militar, que, de forma ainda discreta, retoma a questão. O sucesso obtido nos ataques sucessivos contra os Gregos da Iónia e da Eólia deixavam Creso espectante, ansioso de avançar sempre mais e de estender o alcance da sua autoridade. Esgotado o terreno em terra firme, o monarca projectou (ἐπενόεε, I. 27) construir navios e navegar contra as ilhas. Sem que Heródoto seja ainda muito explícito, a verdade é que um leitor atento descortina já neste projecto factores de risco e de comportamento, repetitivos e cíclicos nas *Histórias*. O alcance da sua realização, que exige a travessia do mar, tem características de excesso, impõe a superação de uma barreira líquida natural, que funciona, no pensamento de Heródoto, como simbólica fronteira destinada a sustentar a ambição humana. Ultrapassá-la equivale sempre a insensatez e garante derrota ou ruína. Animado pelo sucesso demasiado constante, que corrompe e incentiva a ir mais longe, Creso está incapaz de ponderar realmente as condicionantes do novo projecto, nada sabe nem procura saber sobre o inimigo. É então que surge junto do rei um outro conselheiro, Bias de Priene ou Pítaco

de Mitilene; se a identidade da figura é duvidosa, não o é a ideia de que é um grego a voz da razão neste caso. E a lição que traz à consideração do rei da Lídia versa sobre *nomos*, ainda que nunca a palavra aqui apareça registada. O sábio grego limita-se a inverter os papéis e a relatar a Creso que, nas ilhas, se prepara um corpo de cavalaria com a intenção (ἐν νόῳ ἔχοντες) de um ataque contra a Lídia. Creso rejubila de esperança (ἐλπίσαντα), considera uma dádiva dos deuses que os pretensos invasores levem por diante o seu plano. Desta vez são justas as esperanças (οἰκότα ἐλπίζων), aprova o conselheiro, de enfrentar em terra firme o inimigo. Apenas é com o mesmo júbilo que este espera receber o invasor lídio junto às suas costas. Creso aplaudiu o conselho (ἤσθηται τῷ ἐπιλόγῳ), teve a noção da sensatez das palavras que ouvia (προσφύεως δόξαι λέγειν) e, de uma forma inteligente, desistiu.

No seu desenvolvimento breve, este episódio progride numa interessante estrutura quiástica: definido pelo entusiasmo que desencadeia o projecto e pela sensatez que impõe a desistência, o espaço interno caracteriza a actuação potencial dos dois inimigos, os preparativos que um e outro alinhavam para a sua execução, relatados nas palavras directas e explícitas de um sábio. A essência do conselho, que avulta tacitamente do episódio, tem, porém, a ver com o *nomos*. Atacar o inimigo no seu terreno exige a ponderação dos hábitos que lhe irão ditar a estratégia: que um povo de índole marítima ataque em terra um inimigo que é mestre desse terreno será um projecto suicida, tão fatal como o seu inverso. Para além de caracterizar, desde o início, o perfil bélico dos dois povos, cujo futuro conflito mal germina ainda - os orientais em vantagem em terra, os Gregos superiores no mar⁷ -, este significativo episódio valoriza desde logo a ideia de que a ignorância ou o menosprezo pela identidade do adversário é um factor de

⁷ Esta consciência de que o mar estabelecia uma efectiva barreira natural constituía, para os Gregos das ilhas e mesmo do continente, um tampão de segurança, num tempo em que era evidente a incapacidade dos orientais no mar. Este equilíbrio, que resultava dos diferentes *nomoi* dos dois povos fronteiriços, quebrou-se ao tempo da revolta iónica e foi responsável pelo conflito profundo que agitou os finais do séc. VI e primeiras décadas do séc. V. Depois que Aristágoras, tirano de Mileto, atacou Naxos com uma armada persa (5. 31-34), embora sem sucesso, esta nova situação - a violação do Egeu por navios persas - alterou a atitude grega: perante a revolta iónica, os Gregos do continente entenderam solidarizar-se com os seus irmãos de além-mar, antevendo o interesse de enfrentar um inimigo comum e de prevenir o avanço de um perigo que se tornava patente.

Sobre as marcas claras que a natureza diversa das duas comunidades - um povo de mar, outro de terra - deixa na narrativa de Heródoto, vide S. W. Hirsch, 'Cyrus'parable of the fish: sea power in the early relations of Greece and Persia', *CJ* 81, 1986, pp. 222-229.

risco que, neste momento, parece ainda evidente a todos. À beira de cometer um erro, Creso é salvo pela lucidez do conselheiro e pela própria disponibilidade para lhe prestar ouvidos.

Anos mais tarde, quando de novo projectou uma empresa arriscada, agora contra os Persas, o espírito de Creso agitou-se outra vez (ἐνέβησε δὲ ἐς φροντίδα, I. 46) na expectativa de uma nova conquista. Agora era o rio, o Hális, que o separava do seu objectivo e a avaliação de forças o grande enigma que se lhe colocava. Creso, que se tinha na conta de um soberano poderoso, avaliava as suas possibilidades perante um inimigo cujo poder dia-dia se revelava mais imponente. Como sempre em Heródoto, a simetria das palavras dá um contributo impressionante ao pensamento: força, grandeza, conquista, grandeza, força são a escada equilibrada que contém todos os motivos e possibilidades que demovem um conquistador ainda, apesar de tudo, consciente da grandeza do adversário e interrogativo sobre a oportunidade de um ataque:

... εἴ πως δύναιτο πρὶν μεγάλους γενέσθαι τοὺς Πέρσας, καταλαβεῖν αὐτῶν ἀύξανομένην τὴν δύναμιν.

‘Se teria força, antes que os Persas se tornassem uma potência, para controlar o crescimento da sua força’.

Naturalmente um conselho avisado se tornou também necessário e, nesta circunstância, Creso não se limitou a acolher qualquer sugestão espontânea; tomou ele próprio a iniciativa de ir à procura da prudência e da sabedoria. Abriu um verdadeiro certame de oráculos, comparou as respostas e deu o prémio do saber ao mais luminoso e lúcido de todos, àquele a que Apolo presidia, em Delfos. Palavras repetidas de projecto (διάνοια), teste (ἀπεπειράτο τῶν μαντηίων, πειρώμενος τῶν μαντηίων) e verificação (εὐρεθείη) caracterizam a posição de Creso, o homem consciente da própria ignorância, que barra ou limita as suas aspirações. Alguma prudência o determina à busca de verdades ou certezas, que só a palavra avisada dos oráculos lhe pode proporcionar; a estes, Heródoto aplica o verbo φρονέω (ὅτι φρονέοιεν, φρονέοντα τὴν ἀληθείην), como uma vénia ao seu efectivo saber. Perante as respostas recolhidas, Creso verificou⁸ os seus méritos relativos (o verbo νομίζω repete-se como significativo de uma constatação meramente superficial: νομίσας μῶνον εἶναι μαντηίων τὸ ἐν Δελφοῖσι; cf. I. 53, καὶ τοῦτον ἐνόμισε μαντηίων ἀψευδῆς

⁸ Cf. supra, p. 8, a propósito da história de Gíges e Candaules, a aplicação deste mesmo verbo intelectual, sugestivo de igual superficialidade de avaliação ou conhecimento.

ἐκτῆσθαι). Mas tanto foi suficiente para lhe revitalizar as esperanças de conciliar as boas graças dos deuses antes de mais: ἐλπίζων τὸν θεὸν ... ἀνακτήσεσθαι (1. 50). E da esperança ao júbilo, a passagem foi rápida, para tanto bastaram as respostas com que Apolo satisfez, sob a capa de uma evidente ambiguidade, as suas perguntas insistentes:

Ὑπερήσθη τε τοῖσι χρηστηρίοισι, πάγῃ τε ἐλπίσας καταλύσειν τὴν Κύρου βασιληίην.

‘Ficou eufórico com os oráculos, cheio de esperança de arrasar o reino de Ciro’.

Πολλόν τι μάλιστα πάντων ἦσθη, ἐλπίζων ...

‘E então a sua euforia foi completa, na esperança de que ...’

Dotado, em Heródoto, de alguma sensatez — qualidade em que não desmerece do seu antepassado remoto, Gíges —, Creso tem a noção da própria ignorância, como da necessidade de ter certezas antes de arriscar grandes projectos. Mas esta sua qualidade tem os limites do precário; posto diante da verdade absoluta que lhe provém da omnisciência divina, ainda que velada pelo percurso imenso que afasta a mediocridade humana da radiosa luz dos deuses, Creso não sabe ler nem compreender. O pensamento de Heródoto conflui, neste caso, com o de Sófocles. Presságios ou oráculos revelam ao homem a verdade, porque os deuses não são inexistentes nem falsos. A comunicação entre os dois grandes planos do universo está assegurada, apenas a distância profunda que os separa não permite ao homem a compreensão. Este é o grande drama da condição humana, a sua ignorância e inacessibilidade ao saber pleno. Tentado a interpretar os sinais divinos de acordo com os seus íntimos desejos, o homem facilmente cai na euforia e se toma de esperanças; mas o erro que assim comete é a razão fatal da sua inevitável destruição. A par de todas as maldições que o destino lhe prepare, é a sua colaboração activa o factor que, em última análise, o condena. Por isso, Heródoto remata esta fase preparatória da campanha de Creso contra os Persas com uma conclusão esclarecedora (1. 71. 1):

Κροῖσος δὲ ἀμαρτῶν τοῦ χρηστοῦ ἐποιέετο στρατηίην ἐς Καππαδοκίην, ἐλπίσας καταιρήσειν Κύρον τε καὶ τὴν Περσέων δύναμιν.

‘Creso, errando na leitura do oráculo, fez uma campanha contra a Capadócia, na esperança de derrubar Ciro e o poder dos Persas’.

Um último aviso se ergue ainda junto do monarca, que é também o último fracasso da sua compreensão. A voz que agora se faz ouvir é humana, a de um outro conselheiro, Sândanis, considerado em função do seu bom-senso (γνώμη), σοφός (1. 71). De uma forma curiosa, os conselhos que este homem dirige ao rei contrastam com o tom ambíguo e profundo dos do

oráculo. São observações práticas e claras, resultantes da atenção e do conhecimento pragmático que tem da realidade. Falam do *nomos* persa, identificam os traços do inimigo a enfrentar e pressagiam, em função desses dados objectivos, o comportamento previsível do atacado. Apesar do crescimento evidente do seu poder — a razão determinante da campanha de Cresos —, os Persas mantêm ainda o perfil de ‘um povo primitivo’, que os deixa, aparentemente, numa posição de desfavor em relação à Lídia. As diferenças revelam-se, ostensivas (1. 71): a forma de vestir, com trajos de couro, a modéstia alimentar — que os leva a prescindirem dos requintes da mesa e a valerem-se apenas do que o seu solo, pobre aliás, produz —, o consumo de água em vez de vinho, são a evidência da austeridade de hábitos que lhes é comum, por falta ou desconhecimento de outras propostas de regime de vida. Face à disparidade existente entre os dois blocos, Sândanis conclui pela inutilidade de um povo poderoso anexar um outro que lhe é inferior, e, em contrapartida, pelas múltiplas aliciantes que uma ‘população primitiva’ poderá ter diante dos encantos da civilização. Os riscos não resultam, nesta perspectiva, da adequação entre *nomos* e estratégia militar, mas entre cultura e motivação para a conquista.

Progressivamente, a cegueira de Cresos não fez, em todo este processo, mais do que acentuar-se. Se teve a lucidez suficiente para ceder aos conselhos de Bias, foi já precipitada e insensata a leitura que fez dos oráculos; e agora, diante deste último aviso, limitou-se a não ouvir: ταῦτα λέγων οὐκ ἔπειθε τὸν Κροῖσον (1. 71). Já em plena guerra, quando, depois de um primeiro recontro de resultados indefinidos em Ptéria, Cresos teve de enfrentar o inimigo às portas de Sardes, a capital da Lídia — como também do luxo e do poder —, outras diferenças de *nomoi* se impuseram, nas estratégias de guerra adoptadas e que nada permitira prever (1. 80); Heródoto fala da valentia famosa dos Lídios e sobretudo do sucesso e pujança dos seus cavaleiros armados de dardos. Sem dúvida que, nesta característica, residia em boa parte uma auto-confiança que muitos sucessos já adquiridos legitimavam: além de que o terreno lhes parecia favorável, uma planície extensa e aberta às portas de Sardes. Por todas estas razões, se bem que incomodado com a reacção imprevista do inimigo de inverter a marcha e passar ao contra-ataque, Cresos não esmoreceu na defesa. Sobre a forma como os Persas conduziriam a arremetida, nunca ao seu espírito se colocou a mais leve pergunta. Por seu lado Ciro, consciente da vantagem do adversário, temeu-se do seu poderio (καταρρωδήσας τῆν ἵππον, 1.80). Decerto desta diferença de atitude dependeu o desfecho da batalha: o rei lídio apenas atento às suas próprias vantagens, que se revelaram afinal ilusórias, o persa sobretudo temeroso do tradicional ascendente do adversário. Porque por fim, aquele que, na luta

iminente, representava o lado aparentemente mais fraco, os Persas, dispunha de um trunfo decisivo de que não suspeitava Creso, nem mesmo o próprio Ciro. Um conselho oportuno lembrou ao rei persa a utilidade dos camelos na circunstância: presentes no exército persa como simples animais de carga, eis que, por milagre do saber (ἔσεσόφιστο, I. 80), eles se tornam na arma decisiva para a vitória dos seus possuidores. Aliviados dos fardos e usados pelos soldados, converteram-se nas hostes montadas dos invasores; de facto, os cavalos não suportam a visão e o cheiro dos camelos, pelo que, pelo mero espectáculo da força inimiga, o poderio da cavalaria lídia se viu radicalmente neutralizado (ἄχρηστον). Um primeiro golpe, e profundo, era dado nas tão apregoadas esperanças de Creso: διέφθαρτό τε τῷ Κροίσῳ ἡ ἐλπὶς.

Do *logos* de Creso, que funciona em *Histórias* como um conjunto de episódios de sentido essencialmente paradigmático, ressalta já com nitidez, em contextos de natureza diversa, o princípio da vantagem que o saber dá. Um vocabulário apropriado e expressivo se define igualmente desde logo. No centro da acção, está o homem que detém o poder ou a supremacia, e, com eles, a responsabilidade da decisão. O conhecimento que tem das situações é marcado pela superficialidade e pela ilusão das aparências. Δοκέω ‘parecer’ e νομίζω ‘julgar’ são os dois verbos que referem a fragilidade da sua opinião. Ἐξευρίσκω e πυνθάνομαι, ‘averiguar’ e ‘informar-se’, são cuidadosos que, por vezes, toma para acautelar os seus projectos; estes, expressos pelas formas διανοέω e ἐπινοέω, têm a força da teimosia e de uma pré-determinação que sempre condiciona a decisão definitiva. Em paralelo com a fraqueza resultante desta falta de um conhecimento verdadeiro, funciona a figura clarividente do conselheiro ou mesmo de um opositor que sabe realmente, ou porque conhece os códigos em vigor ou simplesmente porque tem perspicácia para uma avaliação mais profunda das situações ou das pessoas; μανθάνω, ἐπίσταμαι, φρονέω exprimem a consistência do conhecimento profundo, mas não se afirmam como barreiras à natural precipitação humana. Γνώμη e σοφία não têm o condão de impedir que esperanças e euforias (ἐλπίζω, ἠδομαι) determinem as decisões dos poderosos. Finalmente o erro efectivo (ἄμαρτία, ἄμαρτάνω) surge como a coroação deste processo de euforia e de ineficácia, como o motivo relevante da destruição inevitável.

O percurso dinástico da casa real da Pérsia, com o crescimento progressivo do seu poder imperialista, farão reviver, em episódios renovados, polémicas semelhantes. A diferença que separa os Persas, cada dia mais poderosos, dos seus inimigos, sempre mais fracos, distantes e desconhecidos, vai-se acentuando. E, em concomitância, a presunção de vantagem que os conquistadores alimentam provém, de forma cada vez mais gritante, do desconhecimento sempre mais profundo que têm dos inimigos a invadir.

Ciro, o conquistador da Lídia, revelou desde muito novo qualidades de uma enorme finura e sensatez, que lhe deram triunfos seguros e o puseram no caminho do sucesso. Face ao primeiro desafio que se lhe colocou como chefe dos Persas, o de destronar Astíages, rei dos Medos, e de conquistar para o seu povo liberdade e maior poder, o jovem *Ciro* mostrou-se à altura da situação. Se foi Hárpagos quem lhe inspirou a campanha de vingança contra o avô que maquinara a sua morte, a estratégia a usar revelou a espantosa capacidade de *Ciro* para escolher o melhor caminho (1. 125). A motivação do seu povo para a empresa foi-lhe ditada por uma ponderação lúcida:

‘Ο Κῦρος ἐφρόντιζε ὅτεω τρόπῳ σοφωτάτῳ Πέρσας ἀναπείσει ἀπίστασθαι φροντίων δ’ εὕρισκέ τε τάδε καιριώτατα εἶναι καὶ ἐποίεε δὴ τάδε.

‘*Ciro ponderou de que forma mais inteligente levaria os Persas à revolta; e depois de o ponderar, descobriu qual era o processo mais oportuno e pô-lo em prática.*’

Aquilo que se pode chamar τρόπος σοφώτατος ou τὰ καιριώτατα tem a ver com o conhecimento perfeito que detinha dos hábitos do seu próprio povo e, portanto, da sua reacção perante a proposta a apresentar-lhe. *Ciro* sabia que os Persas detinham já um poder competitivo, que os colocava ao nível dos seus rivais medos. Mas era-lhe também evidente que aos Persas faltava ainda a consciência das suas possibilidades. É o salto para o futuro que o rei os estimula a dar neste momento: se aspiram a uma vida de conforto e prosperidade, em vez de um modelo de trabalho e de servidão, têm em *Ciro* o chefe capaz de transformar o seu destino. Assim, o jovem soberano ganha um lugar determinante na decisão do futuro de um povo que se havia de tornar, ao fim de poucas gerações, o grande império oriental.

Porque mais complexo do que as anteriores campanhas, o ataque, anos mais tarde, contra a Babilónia colocou a *Ciro* dificuldades acrescidas, embora se tenha finalmente saldado num sucesso. Neste caso o alvo a atingir era um povo e uma cidade — que Heródoto não hesita em designar como a mais famosa e mais forte (1. 178) — que tinham ocupado até então um lugar cimeiro na Ásia. Por outro lado, quando postos frente a frente, Persas e Babilónios tinham um do outro um conhecimento equivalente, pelo que não havia à partida vantagem para nenhum dos lados. Os sitiados conheciam a persistência do invasor e a sua sede de conquista (ἐξεπιστάμενοι ἔτι πρότερον τὸν Κῦρον οὐκ ἀτρεμίζοντα, 1. 190) e, por isso, se prepararam para um longo cerco. Com esta atitude causaram a *Ciro*, como previam, uma real dificuldade. Só quando o rei persa percebeu o que havia a fazer (ἔμαθε τὸ ποιητέον οἱ ἦν, 1. 191), ou por si próprio ou por conselho alheio, a situação teve um desfecho a seu favor. Como sempre, o

sucesso dependeu da soma harmoniosa do seu conhecimento das características do terreno adversário, como da ignorância dos invadidos. Primeiro, Ciro valeu-se das obras de regularização do curso do Eufrates, outrora empreendidas, com carácter defensivo, pela rainha Nitócris, para penetrar numa cidade que parecia inexpugnável; por ironia do destino, o que devia ser uma barreira de protecção da cidade tornou-se, por força do raciocínio de um invasor inteligente, num canal aberto de ataque⁹. Por seu lado, os Babilónios não tiveram conhecimento nem informação dos intuitos que Ciro alimentava (εἰ μὲν ἄρα ἡ προεπύθοντο ἢ ἔμαθον οἱ Βαβυλωνιοὶ τὸ ἐκ τοῦ Κύρου ποιούμενον, I. 191) e não foram capazes de accionar as vantagens que a própria arquitectura da cidade lhes proporcionaria: deixar o inimigo entrar pelas portas fluviais e fechá-las para o encurralar e o agredir do alto das muralhas. À ignorância juntou-se o acaso (τυχεῖν γὰρ σφί ἐούσαν ὀρτήν, I. 191), porque a festa que então se realizava os manteve estranhos ao sucedido; quando, enfim, se deram conta (ἐπύθοντο) da presença do invasor, nada mais havia a fazer e a cidade foi tomada pela primeira vez. Ficou, assim, muito claro que o desconhecimento ou a falta de informação dos Babilónios os impediu sequer de resistirem à invasão persa; e se o acaso deu uma pequena ajuda ao atacante, foi sobretudo o plano estratégico - de resto inspirado pela própria vítima, neste caso - que garantiu um sucesso inesperadamente fácil. Aquelas que Heródoto destacara desde logo como as potencialidades de defesa da cidade — as grandes muralhas que opunham ao invasor uma barreira sólida (I. 178-181) e a abundância da produção agrícola que lhe daria meios de resistir a um longo cerco (I. 192-193) — de nada lhe valeram, quando foi entre o seu próprio desconhecimento e a estratégia avisada do adversário que se jogou a cartada final.

O propósito daquela que foi a última campanha de Ciro, o ataque contra os Masságetas, e que lhe havia de determinar a morte, é marcado em Heródoto por um claro sentido de precipitação:

Ὡς δὲ τῷ Κύρῳ καὶ τοῦτο τὸ ἔθνος κατέργαστο, ἐπεθύμησε Μασσαγέτας ὑπ' ἑωυτῷ ποιήσασθαι.

⁹ Este é um pormenor curioso que Heródoto assinala: Nitócris, a mãe do monarca em exercício ao tempo da invasão persa, distinguiu-se por uma política de obras públicas que, para além do embelezamento de Babilónia, tinham um propósito defensivo: 'ao ver que os Medos, cujo poder crescera, não se mantinham em paz, e que se iam apoderando de várias cidades, caso de Nínive, tomou em relação a eles todas as precauções possíveis' (I. 185). Mas o destino havia de decidir que as obras de controle do curso do rio, que a soberana fez no sentido de proteger a entrada na cidade, fossem por Ciro usadas de forma a facilitar a penetração do seu exército.

‘Mal que Ciro dominou este povo, concebeu o desejo de avançar contra os Masságetas’.

A sequência imediata entre o sucesso de Babilónia e a empresa seguinte não deixa espaço a qualquer reflexão. Apenas a ambição irracional e intuitiva (ἐπεθύμησε) pesou na decisão. No entanto, prossegue a narrativa, o novo alvo de Ciro era um povo ‘com fama de ser grande e valente’ (μέγα λέγεται εἶναι καὶ ἀλκιμον); logo, a distância a que se encontrava este último objectivo de Ciro não permitia mais do que um conhecimento vago e indirecto, baseado em opiniões gerais ou boatos. Um rio, mais uma vez, separava o invasor do seu alvo, o Araxes, que serviu de última barreira a afastar os dois campos. Uma primeira apresentação dos costumes dos Masságetas define, em pormenor, alguns traços da vida deste povo. Antes de mais, a simplicidade de hábitos alimentares, à base de frutos, e de vestuário; depois, as características do terreno que habitam dão, em traços gerais, uma primeira marca da identidade dos Masságetas. Antes de retomar o movimento do avanço persa, Heródoto repete, como uma fórmula, que o projecto de Ciro obedece a um impulso irracional (ἐπ’ οὓς ὁ Κῦρος ἔσχε προθυμίαν στρατεύεσθαι, I. 204), o que equivale a dizer que as características do povo a invadir o não perturbam nem atemorizam. Para além de outros motivos a incentivarem-no - a *hybris* que o levava a considerar-se sobre-humano e a εὐτυχία infalível que desde sempre o acompanhara -, uma autoconfiança desmedida, que subjaz ao plano estratégico a definir, é um último presságio de ruína.

O menosprezo que Ciro sente pelo adversário manifesta-se, de imediato, na abordagem dolosa que lhe faz, sob forma de uma proposta de casamento à rainha, soberana dos Masságetas por morte do marido. O que significa que o rei persa tem em conta uma circunstância conhecida, a de ser uma mulher o chefe do inimigo; mas este factor desencadeia nele uma dupla arrogância, de homem e de poderoso senhor de um grande reino. Não perde um momento a interrogar-se sobre a personalidade, as características ou a perspicácia do adversário. Por isso mesmo, uma surpresa lhe estava reservada: Tómiris percebeu (συντίεῖσα, I. 205) que, com este pedido, era mais o trono do que a sua pessoa o que Ciro pretendia; e, ao recusar, desfechou no inimigo um primeiro golpe.

Não faltou também a palavra do conselheiro, agora repartida entre as opiniões autorizadas dos membros de um conselho de guerra em quem o rei se apoiou, como também numa mensagem escrita da própria inimiga, Tómiris. Aquela determinação que deixara Ciro resolver por si e com clarividência o ataque contra Astíages ou contra Cresos, que oscilava levemente na arremetida contra Babilónia, abandonava agora totalmente o

rei, que recorreu a diversas opiniões e teve de escolher entre as hipóteses contraditórias que lhe foram sugeridas. Não são desta vez os oráculos a desafiar a sua capacidade de interpretação, mas a opinião de uma mulher, para mais inimiga, confrontada com a dos seus conselheiros. E são diversas as tonalidades das sugestões que tem diante: a mensagem espontânea de Tómiris é como que um apelo à reflexão que se interpõe no frenesim dos preparativos que Ciro entretanto desenvolvia. Enquanto o rei persa avançava, construía, ligava as duas margens do rio, Tómiris convida-o a suspender a acção (παύσαι σπεύδων, I. 206) para pensar na oportunidade do ataque (οὐ γὰρ ἂν εἰδείης εἴ τοι ἐς καιρὸν ἔσται, I. 206). A insistência no sentido da oportunidade, que antes Ciro considerara prioritário (cf. supra I. 125 e p. 16), mostra quanto mudara o agora todo-poderoso soberano persa. Consciente, porém, de que a lucidez não cabe num espírito que se entrega ao desejo desenfreado (μεγάλως προθυμέαι, I. 206), Tómiris desafia-o a escolher o terreno para o combate: ou atravessar o rio para atacar em território masságeta, ou aguardar, do lado persa, que o atravessem, em legítima defesa, os inimigos. É esta a alternativa que leva Ciro a reunir o seu conselho e a ouvir as opiniões dos seus homens de confiança. Heródoto limita-se a informar de que a opinião geral era de que os Persas aguardassem, no seu próprio terreno, os Masságetas, uma ideia que, depois do conselho de Tómiris de que Ciro desistisse do combate e se satisfizesse com o que tinha, parecia ainda assim a mais prudente. Mas é a última palavra, a de Creso, a que o rei persa ouve com agrado e executa. Heródoto, pela importância das palavras do antigo rei da Lídia, recorre agora ao discurso directo. O argumento que usa inspira-se no valor da experiência, à maneira esquiliana (I. 207):

Τὰ δέ μοι παθήματα ἔοντα ἀχάρिता μαθήματα γέγονε.

‘Mesmo se o sofrimento me foi penoso, trouxe-me o conhecimento’.

Prosegue com princípios que retomam ideias anteriormente discutidas na conversa com Sólon. O ser humano bem sucedido precisa de reconhecer os limites inerentes à sua condição (εἰ δ’ ἔγνωκας ὅτι ἄνθρωπος καὶ σύ, I. 207) e inferir daí a instabilidade da sorte (πρῶτων μάθε, οὐκ ἔα αἰεὶ τοὺς αὐτοὺς εὐτυχεῖν, I. 207). À maneira de Gíges, Creso recita fielmente as regras gerais que aprendeu com o sábio grego e testou no seu próprio percurso de vida. Apenas, e lamentavelmente, os conselhos práticos que avança a propósito do dilema em discussão não se inspiram na prudência e no bom-senso. Creso estimula Ciro a cometer ousadias, a não se limitar a uma vitória no seu próprio terreno ou, em caso de derrota, a correr o risco de abrir ao inimigo o caminho de uma invasão imparável em terreno persa; defende que seja Ciro a atravessar o rio, porque, se vitorioso no lado inimigo,

é a ele que uma conquista mais longa premiará. Esquece, porém, a última hipótese, que coroaria o equilíbrio do raciocínio. E se Ciro for vencido em território masságeta? Para além de orientar na opção, o conselheiro sugere também uma estratégia, que se inspira no conhecimento da identidade do adversário e pretende trazer vantagem ao atacante. Mais do que o próprio monarca, Crespo conhece e acentua o ponto fraco do inimigo, o desconhecimento que tem das vantagens da civilização, aquilo que constitui a marca do primitivismo de um povo aculturado (1. 207):

Ὡς γὰρ ἐγὼ πυνθάνομαι, Μασσαγέται εἰσὶ ἀγαθῶν τε Περσικῶν ἄπειροι καὶ καλῶν μεγάλων ἀπαθείες.

‘Quanto julgo saber, os Masságetas são inexperientes dos confortos persas e desconhedores dos grandes prazeres da vida’.

Da diferença, Crespo pretende tirar dividendos: oferecer aos olhos cobiçosos dos Masságetas os prazeres da comida e do vinho, perturbá-los com os atractivos da civilização que não conhecem e, depois de tomados de embriaguez, capturá-los sem dificuldade. Esta é uma estratégia apoiada no conhecimento das diferenças; e a sequência vai mostrar como Crespo estava certo sobre a sua eficácia. Se tinha sido doloso o processo de abordagem que Ciro fizera à rainha, não o era menos aquele que, por proposta do Lídio, o pôs finalmente em marcha contra os Masságetas. Um factor de imprevisto - o aprisionamento e posterior suicídio do príncipe filho de Tómiris -, como também o menosprezo pela capacidade bélica do inimigo, abriram no plano uma brecha de derrocada. Um último aviso da rainha, que é também a sua derradeira condescendência, propõe ainda a libertação de Espargápises e a desistência da campanha como uma reparação que a faria ultrapassar o opróbrio sofrido pelo seu povo. Mas a persistência cega de Ciro não consentiu na solução. Depois de um combate encarniçado, o rei persa perdia, por falta de uma avaliação correcta das circunstâncias, a vitória que o galardoara desde sempre e a própria vida. Num gesto de vingança suprema, que é também o símbolo do choque entre povos diferentes, Tómiris permitia-se converter o gesto humilhante do detentor da civilização, o uso doloso do vinho, na vingança simbólica de um bárbaro vencido, que ofende o cadáver do inimigo encharcando-lhe em sangue o rosto sedento de conquista. Civilização e barbárie retribuem-se neste brinde, de vinho e de sangue, que as opõe e equilibra ao mesmo tempo. Um breve capítulo final a sintetizar os *nomoi* dos Masságetas (1. 215-216) define-lhes, dentro de um código habitual em Heródoto - relevo para os metais usados, forma de vestir, dieta alimentar, práticas sexuais e rituais fúnebres -, os principais factores de uma diferença que, com valentia, foram capazes de proteger perante uma terrível ameaça de extinção.

Cambises, o sucessor legítimo de Ciro, dirigiu, antes de mais contra o Egipto, projectos ambiciosos de conquista. Para além das motivações pessoais que o demoviam, o rei persa teve desde logo a consciência das dificuldades que a empresa levantava pelo seu desconhecimento do alvo a atingir e das formas de o tornar acessível. Muito a propósito pôde recorrer a um informador, com o nome simbólico de Fanes (φαίνω, ‘mostrar, revelar’, 3. 4), um mercenário exilado na sua corte, que detinha bom-senso e experiência de guerra (γνώμην ἱκαίως καὶ τὰ πολέμια ἄλκιμος, 3. 4. 1), como outras condições que faziam dele um aliado poderoso e útil: agravos contra o faraó e um bom conhecimento do Egipto (ἐπιστάμενον τὰ περὶ Αἴγυπτον ἀτρεκέστατα, 3. 4. 2). Através do conselho deste homem (παραινέων, 3. 3. 3) Cambises pôde resolver o primeiro embaraço que se lhe erguia diante (ἀπορέοντι τὴν ἔλασιν, 3. 4. 3), o da travessia até ao objectivo a atingir. Não se tratava desta vez da habitual barreira líquida, mas da imensidão árida do deserto, fronteira única de acesso ao Egipto para um persa. A consciência da sua ignorância e o recurso a um informador competente fizeram de Cambises, sem demora, o novo senhor do Egipto.

A partir daí, porém, o persa architectou novos avanços — contra Cartago, Ámon e a Etiópia — sem que Heródoto dedique qualquer referência aos preparativos. Limitou-se a passar de um projecto caprichoso (ἐβουλεύσατο, 3. 17. 1, βουλευομένω, 17. 2) à acção, colhendo assim, sem o esperar, uma frustração completa desta tríplice iniciativa. Se a campanha contra Cartago não chegou a processar-se por recusa dos Fenícios, o corpo naval mais importante nas forças de Cambises, os outros dois projectos sofreram as consequências da imponderação real. Em ambos os casos, a natureza do terreno, hostil aos Persas, exerceu contra eles um boicote espontâneo. Sobre os Etíopes, que não sobre a forma de os alcançar, Cambises quis conhecer alguns pormenores e, por isso, lhes enviou uma embaixada. Dadas as intenções verdadeiras do agora senhor do Egipto — a invasão da Etiópia — eram falsos os presentes de cortesia com que simulava negociar a amizade do monarca etíope. Como antes Ciro perante os Masságetas, também o seu sucessor pretendia seduzir um povo, que considerava remoto, selvagem, e logo inferior, com as aliciantes da civilização: uma veste de púrpura, pulseiras e braceletes de ouro, perfumes e vinho. Mas na realidade, mais do que arautos de amizade, os embaixadores eram espias encarregados de fazer o reconhecimento de um potencial inimigo. Deste facto se deu de imediato conta o rei etíope; tal como antes Tómiris, farejou o dolo (μαθῶν ὅτι κατόπτει ἤκοιεν, 3. 21. 2) e denunciou as intenções subjacentes dos visitantes; pelos presentes não se

deixou impressionar, por os considerar ridículos, no caso da púrpura ou do perfume, e vulgares, os objectos de ouro que os Etíopes possuíam com abundância e que leu como grilhetas ameaçadoras; apenas o vinho o não deixou insensível. Mais uma vez a bebida era o traço verdadeiro de separação entre os dois mundos. Para além de uma acuidade de espírito que a arrogância persa não previu, em troca dos presentes também o inimigo dedicou a Cambises uma oferta simbólica e um conselho: da sua experiência de bárbaro enviou-lhe uma insígnia de guerra, um arco enorme à medida da própria superioridade física dos Etíopes; e, com ele, uma mensagem, a de adiar a invasão para o dia em que fosse capaz de manobrar aquele arco com a agilidade de um etíope. O desafio e o presente de um inimigo desconhecido tornam-se, a partir deste momento, a insígnia da aventura africana de Cambises: este arco ganhou o sentido de um símbolo de resistência ou de impotência, que o rei persa passou a enfrentar como o teste supremo da sua capacidade de guerreiro, de soberano e de homem.

De facto, foi perante a informação dos Ictiófagos, de regresso da Etiópia, que o seu comportamento ganha, pela primeira vez com clareza, contornos estranhos. A precipitação apodera-se de Cambises, que não determina quaisquer preparativos nem pondera o alcance da missão que vai executar. Mais do que a ignorância ou o desconhecimento, Heródoto acentua-lhe a violência da reacção, a denunciar evidentes assomos de loucura (3. 25. 2):

οἷα δὲ ἐμμανῆς τε ἐὼν καὶ οὐ φρενήρης, ὡς ἤκουσε τῶν Ἰχθυοφάγων, ἐστρατεύετο.

‘Como louco que era, como indivíduo sem senso, mal que ouviu os Ictiófagos, pôs-se em marcha’.

Cometido o primeiro erro, o de partir à frente de um grande exército por um terreno desconhecido, sem provisões suficientes, Cambises poderia ter tido ainda uma saída airosa para a aventura, se tivesse sabido avaliar a tempo a repercussão de uma caminhada difícil, sem alimentos, quando até as bestas de carga foram esartejadas como último recurso. Nesse momento, a desistência teria sido sinal de sabedoria.

Εἰ μὲν νυν μαθῶν ταῦτα ὁ Καμβύσης ἐγνωσιμάχῃε καὶ ἀπήγε ὀπίσω τὸν στρατόν, ἐπὶ τῇ ἀρχῆθεν γενομένη ἀμαρτάδι ἦν ἄν ἀνὴρ σοφός.

‘Se, ao constatar esta situação, Cambises capitulasse e conduzisse o exército de volta, teria tido, depois de cometido um erro inicial, um comportamento sensato’.

Mas a teimosia da demência que o tomava deixou-o indiferente. Só quando, perante a aridez total do deserto, os seus homens optaram por devo-

rar um companheiro para sobreviver, Cambises desistiu. Tarde de mais, numa campanha que se saldou por um desastre inominável. Entretanto, o destacamento que enviara a Ámon, para destruir o oráculo, era engolido por uma tempestade do deserto, sem deixar rasto. Imprevisibilidade e incompreensão das verdadeiras condições desta missão é o que se impõe como a causa fundamental do insucesso. Só mesmo os naturais, no caso do ataque a Ámon, souberam arriscar uma explicação para o misterioso desaparecimento de cinquenta mil homens em pleno deserto.

Mas se se mostrou inacessível a Cambises a possibilidade de progredir com novas conquistas no território impenetrável do deserto, revelou-se-lhe também tarefa difícil a de manter a sua autoridade sobre o próprio Egípcio já conquistado. Mais uma vez o confronto com *nomoi* desconhecidos e a sua incapacidade de os interpretar ou entender o lançaram em inqualificáveis actos de crueldade que o tornaram mal amado pelo inimigo e, desta vez, pelo seu próprio povo também. Heródoto passa a somar situações reveladoras, todas elas de sentido decisivo para o desfecho trágico da vida do monarca.

Em primeiro lugar, no regresso da campanha frustrada da Etiópia, Cambises encontrou Mênfis em festa, porque, segundo a prática egípcia, quando Ápis se manifestasse havia lugar a festejos. Não foi o rei capaz de entender, apenas pelo que via, o sentido da comemoração e, a julgar pelas aparências, interpretou-a como uma ofensa à sua derrota recente (3. 27. 2):

Ἰδὼν ταῦτα (...) ὁ Καμβύσης, πάγῃ σφέας καταδόξας ἐωυτοῦ κακῶς πρήξαντος χαρμόσυνα ταῦτα ποιεῖν ...

‘Ao ver aquele espectáculo, Cambises convenceu-se de que eles faziam aqueles festejos por causa do seu insucesso’.

Fez até um esforço para fundamentar a interpretação da atitude do povo egípcio; chamou a administração da cidade, depois os sacerdotes, e inquiriu do sentido da festa. A incapacidade em acreditar no depoimento que obteve - o sentido efectivo daquela manifestação que nada tinha a ver com a sua derrota - levou-o a cometer atrocidades: contra os responsáveis humanos pela festa, que assassinou, e contra o próprio deus que sujeitou ao teste da espada para julgar da sua imortalidade. Sobranceiro perante povos desconhecidos, como os Etfopes, Cambises incorria em erro semelhante contra os próprios deuses que, na sua ignorância, considerava ridículos e impotentes, apenas porque diferentes. Na sua perspectiva, neste caso justificada, cada povo cria deuses à sua imagem e semelhança: ἄξιος μὲν γε Αἰγυπτίων οὗτός γε ὁ θεός, ‘à medida dos Egípcios é esse tal deus’ (3. 29. 2); logo o desprezo que lhe merecem os povos que ocupa ou tenta conquistar é extensivo às divindades que veneram. A desconfiança, como a incompreensão, que são características do poder do mais forte perante um adversário que considera

inferior, continuam, no caso particular de Cambises, a revestir uma exteriorização própria resultante da loucura que tristemente o distinguiu dos seus ascendentes ou sucessores na corte persa. As dúvidas que o levam a agir revestem sempre o tom do furor (ὑπομαργότερος, 3. 29) e o riso vai-se colando às suas reacções como uma dolorosa manifestação de inconsciência (γελάσας, 3. 29). Como última decisão, o persa feriu Ápis e, sob a força de ameaças de morte, pôs fim aos festejos rituais em honra do deus. Outros cultos egípcios não escaparam igualmente à sua fúria: o de Hefesto, venerado sob o exterior de um pigmeu, provocou-lhe um riso desbragado (πολλὰ τῷ ἀγάλατι κατεγέλασε, 3. 37. 2); penetrou no templo dos Cabiros (cujo culto se relaciona com o anterior) onde só ao sacerdote é permitido entrar, e incendiou as imagens por entre uma troça sem fim (πολλὰ κατασκώψας, 3. 37. 3). Acumulava, com esses erros, culpas e desafiava castigos superiores que, esses sim, se revelam constantes e universais. Não se esquece Heródoto de remeter, mais tarde, para esta impiedade contra Ápis a morte de Cambises, também ele acidentalmente ferido por uma espada na coxa, tal como o deus (3. 64. 3).

Se contra o inimigo Cambises se desdobrou em actos de crueldade, não deixou igualmente de os infligir ao seu próprio povo, ninguém poupando dos familiares, amigos ou simples cidadãos sob a sua autoridade. Com todos estes atentados, era também o *nomos* persa que estava em causa. A primeira vítima a sofrer as consequências da sua violência foi Esmédis, o irmão, em quem o rei suspeitou, por mera deturpação do sentido de um sonho, um usurpador do trono (3. 30). Depois a irmã e esposa, em quem percebeu uma atitude crítica perante as atrocidades que cometia. Já o próprio matrimónio com uma irmã era contrário aos costumes persas: οὐδαμῶς γὰρ ἐώθησαν πρότερον τῆσι ἀδελφηῆσι συνοικεῖν Πέρσαι, ‘em caso algum, no passado, fora hábito dos Persas desposarem as irmãs’ (3. 31). E só o temor dos conselheiros reais encontrara para a pretensão do rei alguma artificiosa legitimidade. Para tal fora necessário invocar, em resposta a um *nomos* que sempre tacitamente se cumprira ainda que não estivesse claramente expresso, outro *nomos* persa que salvaguardava a supremacia da vontade real: φάμενοι νόμον οὐδένα ἐξευρίσκειν ὃς κελεύει ἀδελφῆ συνοικεῖν ἀδελφεόν, ἄλλον μέντοι ἐξευρηκέναι νόμον, τῷ βασιλεύοντι Περσέων ἐξεῖναι ποιεῖν τὸ ἄν βούληται, ‘argumentaram não ter descoberto nenhuma regra que autorizasse o casamento entre irmãos, mas terem encontrado um outro princípio que permitia ao rei dos Persas agir como bem entendesse’ (3. 31). Mais tarde no Egipto, ao ouvir da esposa palavras de discordância perante provas explícitas de um espírito de destruição que a loucura ditava ao monarca, marido e irmão, Cambises não

hesitou em matá-la, apesar de, segundo uma versão dada do episódio, ela se encontrar grávida (3. 32). A seguir foram o filho de Prexaspes, seu homem de confiança, e Creso, conselheiro do rei, a sofrer-lhe as iras e a despertar nele um terrível fôlego assassino (3. 34-36). Por fim, e indiscriminadamente, outros persas perderam a vida (3. 37) sem culpa formada e sem motivo evidente. Este uso criminoso da vida humana revelou-se como uma forma de inconsciência perante regras, que além de persas são também universais, e que Cambises, na sua loucura, passou a desconhecer.

Terminada a enumeração das atrocidades que Cambises multiplicou durante a campanha egípcia, Heródoto coroa todos estes comportamentos loucos com uma reflexão paradigmática sobre o sentido individualizante do *nomos* e sobre a aceitação da diferença como um princípio de bom-senso e de abertura de espírito. A Cambises, cujo diagnóstico é agora claramente consumado como ‘completamente louco’ (ἐμάνη μεγάλως, 3. 38. 1), que perdeu o respeito por todas as normas do que é sagrado pelos deuses ou pelo *nomos* manifestando na gargalhada a sua demência completa, Heródoto opõe o exemplo de Dario, o seu futuro sucessor e, pelo menos neste momento (veremos como mais tarde Dario comete também alguns erros nesta matéria), um defensor esclarecido da individualidade dos costumes. Dario, o rei sensato, é referido como árbitro num confronto exemplar entre Gregos e Indianos sobre os rituais fúnebres que praticam: aos primeiros horroriza-os a ideia da tanatofagia, o acto de devorar os cadáveres dos pais, como os Indianos reagem com vigor à cremação. A distância é, portanto, profunda em matéria tão delicada como o respeito a ter pelos mortos que são símbolo de vínculos familiares, como do contacto com o além ou com o sagrado. Se, desde logo, à exemplaridade da questão se acrescenta o peso da prova concreta — a contra-dição dos dois testemunhos—, Dario vai mais longe, ao invocar ainda o reforço da autoridade de Píndaro que, com sabedoria, reconheceu *nomos* como soberano supremo (νόμος πάντων βασιλεύς). Com todas estas componentes, o episódio evocado de Dario estabelece um marco na experiência expansionista persa e no seu contacto com os diversos *nomoi*. Definida por um crescendo de desconhecimentos, erros ou atentados criminosos, cumpria-se neste momento uma primeira fase de vida para a corte aqueménida, num momento em que a loucura de Cambises impusera golpes profundos não apenas sobre o adversário egípcio, aquele que o destino prioritariamente lhe atribuíra, como sobre os próprios Persas e o seu núcleo régio, de forma a deixar num doloroso vazio a sucessão e garantia do futuro do seu império.

Como tendência natural entre os homens, é reconhecida a propensão que cada um tem para preferir os seus próprios ‘costumes’, ou seja, as

práticas que individualizam cada civilização ou comunidade humana. É ao longo desta experiência de contactos entre povos orientais primeiro e, logo depois, entre asiáticos, africanos ou europeus, que a questão das divergências ou incompatibilidades se patenteia. Como reagir perante esta evidência? Heródoto perfilha o que afirma ser a posição mais geral, a de que troçar ou menosprezar a diferença só pode ser loucura. Com esta afirmação, o autor de *Histórias* anuncia uma época de abertura e tolerância, em que a noção de bárbaro, com a carga negativa ancestral, perdía força e em que a distância entre o estrangeiro e o grego, como entre os povos prósperos e os mais modestos ou remotos, se reduzia. Esta lição representava, numa época de profundos conflitos e mudanças, uma conquista para a humanidade que, pelo sofrimento que a guerra sempre acarreta, tinha oportunidade de aprender a lei suprema do equilíbrio e harmonia universal: a do respeito pela diferença e o da avaliação sábia e inteligente dos valores alheios.